

Representação de áreas de riscos socioambientais: geomorfologia e ensino


• U • C •



unibh
a marca da educação



Universidade
Federal de Viçosa



Representação de áreas de riscos socioambientais: geomorfologia e ensino

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Centro Universitário de Belo Horizonte UNIBH

Janete Regina de Oliveira

Universidade Federal de Viçosa - UFV




Natureza do trabalho

- Reflexões a partir da experiência com oficinas de maquete na disciplina Geomorfologia e Prática de Ensino.
- Interesse pelos procedimentos e recursos didáticos auxiliares ao processo de ensino e aprendizagem de Geomorfologia.


No cotidiano: catástrofes urbanas

Então,

- Não seria a educação, também, um caminho para se entender e prevenir-se dos possíveis efeitos e riscos das áreas de risco de movimentos de massa?



Os sujeitos atingidos pelos efeitos do processo de movimento de massa não estariam em melhor situação, para entender e problematizar a respeito das áreas de risco, se compreendessem a dinâmica dos movimentos de massa, assim como os processos geográficos?

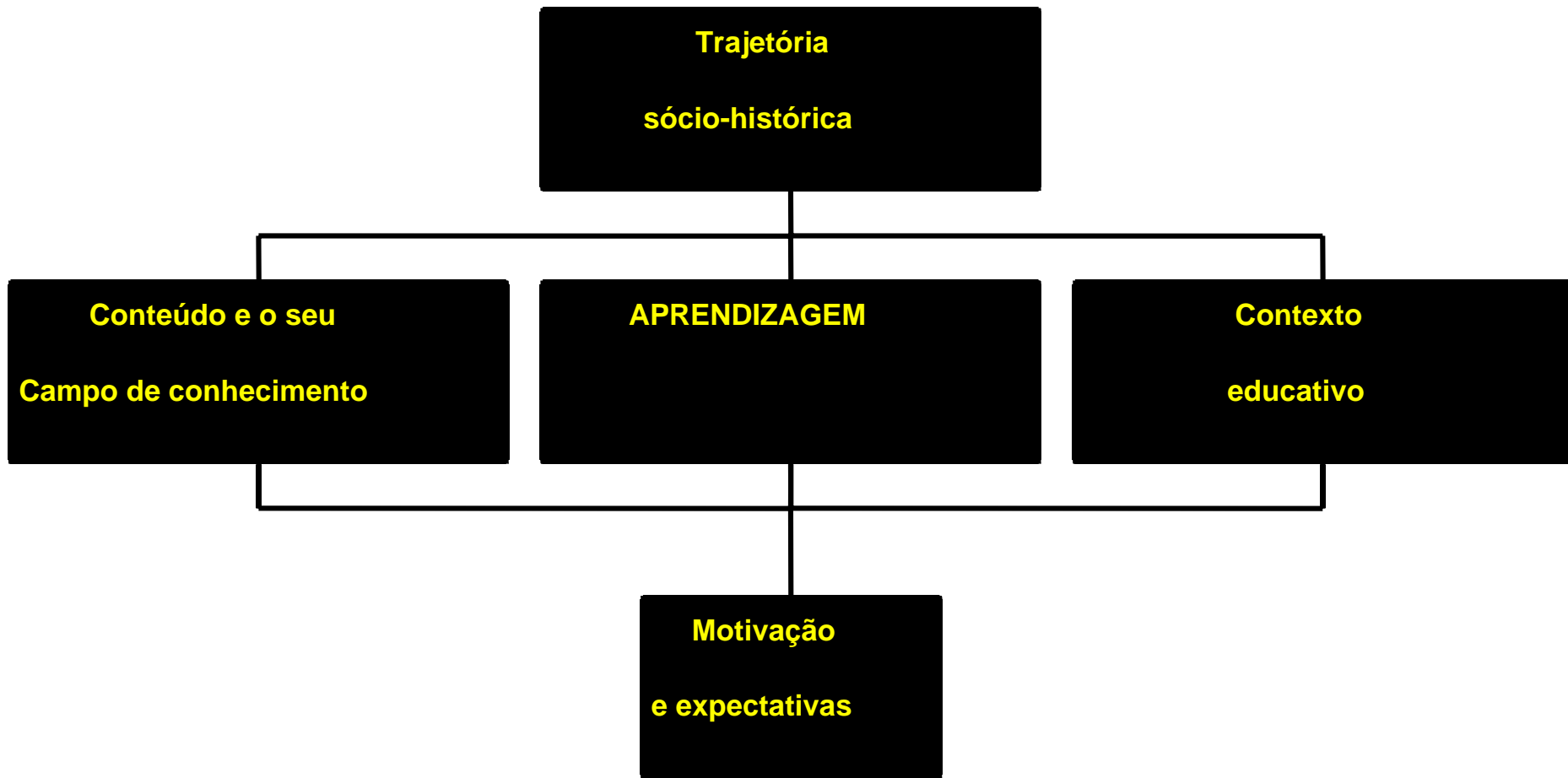


- ☛ **Acreditamos que sim.**
- ☛ O conhecimento pode constituir uma importante ferramenta de defesa e de cobrança no convívio em sociedade, principalmente quando o sujeito encontra-se em áreas de risco socioambiental.
- ☛ **Mas, como construir e produzir esse conhecimento?**

Por onde começar?

- ☛ Com a produção de conhecimento na escola, na comunidade, na universidade
- ☛ Atento à aprendizagem significativa (DAVID AUSUBEL, 1968; ZABALA, 1998)
- ☛ Por meio de problematização de fatos do real, do cotidiano

Qual aprendizagem?



Conhecimento prévio

- ☛ conhecer a representação que os sujeitos têm sobre o espaço, a realidade, o fato.
- ☛ **Pois**, “a geografia quer também entender as atitudes dos indivíduos diante da natureza, o sentido que eles dão às suas vidas e os horizontes futuros que eles controem e que os guiam na suas existências” (PAUL CLAVAL, 2003, p. 163).
- ☛ **E, ainda**
“as ideias, habilidades, linguagens, relações em geral, propósitos e significados comuns a um dado grupo social são elaborados e reelaborados a partir da experiência, contatos e descobertas” (CORRÊA, 2003, p.170),

PENSAR E DISCUTIR

- ☛ relação entre a sociedade e a natureza, via:
- ☛ Apropriação do componente relevo, no tempo e espaço,
- ☛ Processos geomorfológicos e geográficos
- ☛ Alterações nos compartimentos do relevo, da forma: topo, encosta, fundo de vale.

Oficina de maquete: Um caminho conciliador

- saberes, conhecimento científico, coletivo ativo, pensamento complexo, representação e produção de conhecimento.

Fundamentação teórico metodológica da oficina de geomorfologia

- Aprendizagem Significativa (David Ausuel, 1968) – conhecimento prévio
- Enfoque globalizador (Antoni Zabala, 2002) – projeto interdisciplinar na produção de “modelo”.
- Representação na maquete – meio para simular e problematizar situações em uma base territorial.

Pilares da oficina

- 1. Situação cotidiana problematizada
- 2. Saberes e conhecimentos integrados
- 3. Relação prática-teoria
- 4. Raciocínio complexo
- 5. Técnica de construção de maquete

1. Situação cotidiana problematizada

- Espaço geográfico: urbano, rural?
- Qual o objeto de investigação na paisagem? A encosta com seus moradores? A encosta como área de risco? A ocupação do fundo de vale?



2. Saberes e conhecimentos integrados



- ☛ Conhecimento prévio
- ☛ Ampliação do conhecimento

3. Relação prática e teoria

O representar

Demanda interação do conhecimento empírico e científico.



↳ O exercício de codificar e decodificar

4. Raciocínio Complexo

Mobilização de:

- Diferentes habilidades,
- Conhecimentos prévio e conhecimento científico
- Raciocínio entre fatos vividos, percebidos e concebidos;
- Correlação ocupação, condição do terreno e motivos dos sujeitos.
- Representação

5. Técnica de construção maquete

- Compilação das curvas de nível
- Sobreposição dos moldes
- Intervenção com cortes e "aterros" sobre a base formada.
- Acabamento

Importância:

- Trabalho manual
- Coletivo



Depoimentos de alunos sobre a oficina

- Com ela pudemos compreender melhor como se dão as ocupações de encosta e os principais fatores condicionantes e desencadeadores dos movimentos de massa, como os aspectos naturais da paisagem e as atividades antrópicas atuam (Adrienne Rodrigues, 2009).
- A transposição didática fez com que eu reforçasse minhas ideias sobre a importância de um planejamento urbano para que os efeitos da natureza não sejam tão prejudiciais que possam afetar os homens (Cibele Porto, 2009).

Depoimentos

- A maquete além de facilitar a forma de visualização de como ocorrem os deslizamentos e os processos que antecedem sua ocorrência, ela esclarece, de forma lúdica, como os aspectos geológico, geomorfológicos e antropicos podem acelerar a ocorrência de movimentos (Luciene de Almeida, 2009).
- A criação da maquete funcionou como mais uma descoberta de uma forma de aprendizado, mostrando que é possível explicar além das escritas descobrindo uma nova maneira de aprender e ensinar (Vaneusa Rodrigues, 2009).

Considerações finais

A oficina:

- Possibilita levantar o conhecimento que os sujeitos tem sobre o assunto, ampliar e aplicar a compreensão dos estudos realizados sobre movimentos de massa, por exemplo.
- Possibilita pensar e relacionar sociedade e apropriação do relevo;
- propor possíveis soluções;
- Favorece o desenvolvimento de habilidade de visualização espacial e inferências sobre o real.
- As maquetes, como representação reduzida e simplificada da superfície do terreno, permitem simular os resultados da relação sociedade e natureza.

Perspectivas

- Utilizar a metodologia da oficina em cursos de extensão;
- Em atividades nos centros comunitários;
- Conseguir patrocinadores

Bibliografia

- AUSUBEL, David P. (1968) – *Educational psychology: a cognitive view*. New York: Holt, Rinehart and Winston. 685p.
- CLAVAL, Paul (2003) - “A contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia”. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.147-166.
- CORRÊA, Roberto L. (1993) – *O espaço urbano*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática. 94 p.
- CORRÊA, Roberto L. (2003) - “A Geografia Cultural e o Urbano”. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.167- 186.
- SOUZA, Carla J. de O. (2009) – *Geomorfologia no ensino superior: difícil, mas interessante! Por quê? Uma discussão a partir dos conhecimentos e das dificuldades entre graduandos de geografia – IGC/UFMG*. Belo Horizonte: IGC - UFMG (Tese de doutorado), 268p.
- ZABALA, Antoni (2002) - *Enfoque globalizador e pensamento complexo*. Porto Alegre: Artmed, 248p.



 Obrigada

carlaju@uol.com.br

Janete.oliveira@ufv.br

